

APRESENTAÇÃO: AS FRONTEIRAS POROSAS DO UNIVERSO CULTURAL CONTEMPORÂNEO¹

THE POROUS BORDERS OF THE CONTEMPORARY CULTURAL UNIVERSE

LAS FRONTERAS POROSAS DEL UNIVERSO CULTURAL CONTEMPORÂNEO

Marco Antonio de ALMEIDA*

Giulia CRIPPA**

Este dossiê partiu de uma constatação bastante evidente: nas últimas três décadas, mudanças tecnológicas, sociais e políticas entrelaçadas têm acarretado transformações nas delimitações de campos sociais, na construção dos *habitus* e nas performances sociais relacionadas, em distintas esferas da sociedade. Os artigos do dossiê exploram diferentes facetas das dinâmicas de distinção, consagração e resistência simbólica nos campos culturais contemporâneos, atravessados por gênero, globalização, tradição e estética. Em comum, os textos aqui reunidos observam como os agentes culturais e sociais envolvidos nessas práticas se posicionam em campos específicos buscando o reconhecimento através da acumulação de diferentes tipos de capital.

Vinte anos após a morte de Pierre Bourdieu, sua obra *La Distinction* (1979) permanece como uma referência incontornável para os estudiosos da sociologia da cultura. Mesmo aqueles que não compartilham integralmente (ou sequer majoritaria-

* Professor Titular da FFCLRP-USP e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Escola de Comunicações e Artes-USP. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2481-8571>. Contato: marcoaa@ffclrp.usp.br.

** Professora do Departamento de Bens Culturais, Universidade de Bolonha, Itália e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Escola de Comunicações e Artes-USP. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6711-3144>. Contato: giulia.crippa69@gmail.com.

¹ Os organizadores do dossiê agradecem aos colegas do Projeto Temático Fapesp "Para além da distinção: gostos, práticas culturais e classe em São Paulo", cujas discussões contribuíram para a elaboração de muitas das discussões que deram forma a esta proposta.

mente) de suas ideias, reconhecem a necessidade de dialogar com conceitos centrais do autor, como *capital cultural*, *habitus*, *espaço social*, *estilo de vida*, *homologia e distinção*. O livro parte de um pressuposto fundamental: a “luta de classes” pode ser compreendida como uma “luta de classificações” simbólicas. Ao retomar o tema das classificações, tão caro à antropologia, e articulá-lo à questão do poder, Bourdieu constrói uma análise que permanece altamente influente. A relevância teórica e empírica da obra fez dela um ponto de partida recorrente para reflexões e debates nas Ciências Sociais (cf. Bennett et al., 2008; Coulangeon & Duval, 2015; Méndez & Gayo, 2019).

Muitos dos diagnósticos encontrados nessas coletâneas compartilham perspectivas semelhantes sobre a perda de centralidade da alta cultura como instrumento de distinção social. Verifica-se que as classes altas já não mantêm um gosto exclusivo pela cultura legitimada, adotando padrões culturais mais ecléticos, assim como as classes médias e populares tendem a não reconhecer necessariamente o valor simbólico da alta cultura. Em outras palavras, embora a alta cultura tenha ocupado um papel central na identificação das elites em determinados momentos históricos, na atualidade enfrenta dificuldades em operar como *capital cultural*, pois para gerar dominação, necessita de reconhecimento social.

Dessa forma, torna-se anacrônico pensar as sociedades contemporâneas com base no modelo da França das décadas de 1960 e 1970, quando a legitimidade da cultura “cultivada” se distribuía de maneira assimétrica por toda a sociedade. Essa premissa dificilmente se sustenta no presente. No entanto, ela deixa uma lição importante: a *distinção* só é possível quando se ancora em valores reconhecidos como socialmente legítimos. Isso nos leva a uma pergunta essencial: quais seriam, hoje, as práticas culturais e as instâncias de legitimação que estruturam a esfera cultural? O questionamento se coloca no plural justamente porque a ideia de uma única legitimidade – aquela da cultura burguesa, como propunha Bourdieu (1979) – está, hoje, em xeque, devido a uma série de mudanças.

Não se trata apenas de mudanças que intervêm nos suportes de informação e comunicação, reduzíveis à passagem de uma era tecnológica para outra (como defendem alguns autores), mas sim um conjunto de mudanças políticas, econômicas e culturais com implicações estratégicas, tal como a industrialização crescente da informação e da cultura e a concentração dos grupos de comunicação e suas redes; a plataformação cotidiana de serviços essenciais em diversos setores; a mercantilização da educação em contrapartida ao ingresso de estudantes de camadas populares por meio de políticas cotistas; a ascensão global de movimentos de extrema-direita (e sua correlata pauta reacionária), bem como a consolidação de grupos e coletivos culturais afinados a pautas e reivindicações identitárias e inclusivas.

Podemos nos perguntar, portanto, em que medida estes fatores, tomados isoladamente ou em conjunto, têm provocado modificações nos processos de construção

e legitimação dos campos culturais. Estaria a disposição culta ou *habitus* culto perdendo, de fato, seu poder distintivo no atual espaço social? Que critérios de distinção estariam em construção nos campos culturais? Que recursos são mobilizados ou ambicionados nestes jogos posicionais?

Considerando que processos sociais recentes possibilitaram a ampliação da circulação de agentes periféricos por espaços de consagração da cultura legítima, antes restritos à elite, esta pergunta não se reveste de um viés passadista ou aristocrático, mas compreende novas configurações de modalidades de capital cultural específicos, bem como o surgimento de novas referências e instâncias de legitimação, com a incorporação de outros valores, linguagens e formas de expressão, distintos daqueles classicamente estabelecidos pelas análises anteriores a estes processos.

Uma crítica possível ao diagnóstico proposto em *La Distinction* (1979) seria sua inadequação temporal em relação ao mundo contemporâneo, na medida em que a expansão dos domínios midiáticos tendeu crescentemente a subordinar as esferas culturais autônomas à lógica do mercado. As instituições culturais tradicionais não possuiriam mais a mesma chancela em relação às lógicas de mercado que Bourdieu detectou nos anos 70. Já em 1994, Renato Ortiz afirmava que essa leitura da tradição sociológica em relação à autonomia da esfera das artes seria uma visão eurocêntrica (Ortiz, 1994). Nas Américas, do Norte e do Sul, o universo artístico se deparou com uma série distinta de contradições antes de se consolidar como fonte “legítima” da vida cultural. Rocha (2022) aproxima Ortiz de outros autores, como Lahire e Lamont, que indicariam que o modelo piramidal de hierarquia cultural de *A Distinção*, quando transposto para outros contextos, especialmente naqueles em que a legitimidade cultural é disputada por outras instâncias, como a mídia, é inadequada. As dinâmicas culturais fora da França (e da Europa em geral) supõem processos mais multifacetados de formação de gosto.

Entretanto, Ortiz (2013) sugere, no prefácio à introdução de textos de Bourdieu, que as pistas para superar esse modelo podem ser encontradas na própria obra de Bourdieu. Isto fica evidente em seu livro sobre a televisão (Bourdieu, 1997), ao apontar como a mídia influencia a dinâmica dos demais campos sociais, ou quando aborda, em seu curso sobre a ciência, as ameaças externas à autonomia científica. A complexidade do cenário se acentua pelo fato de que as críticas à perspectiva de Bourdieu, em grande parte, vêm de autores profundamente influenciados por sua obra, os quais propõem um diálogo com seu legado em contextos marcados por uma crescente porosidade entre as esferas da produção cultural, muitas vezes adotando uma postura crítica que varia entre o respeito e a suavização das objeções (Rocha, 2022).

Um autor nesta linha é Hjarvard (2014), que destaca as limitações das análises de Bourdieu em relação à mídia, observando que os meios de comunicação expandiram progressivamente sua presença nos pólos heterogêneos de cada campo,

desafiando e enfraquecendo sua autonomia. O monitoramento intensificado do ambiente social ampliado torna-se cada vez mais relevante na formação do *habitus*. Nesse contexto, o reconhecimento adquire papel central como mecanismo regulador da autoestima e do comportamento, refletindo-se em estilos de vida sancionados pela alteridade. Embora preserve o diálogo com Bourdieu e reconheça o papel das classes sociais nesse processo, Hjarvard (2014, p. 235) argumenta que “distinções categoriais como classe ou idade podem não influenciar diretamente o *habitus*, mas ser mediadas pelo estilo de vida do grupo em questão”. Com isso, ele ressalta a crescente importância do estilo de vida como mediador das hierarquias sociais e culturais nas sociedades contemporâneas, ao passo que aponta para o declínio da influência das instituições tradicionais e o aumento da centralidade da mídia nesse processo. Conforme afirma: “ao articular efetivamente diversas redes de audiências em torno de estilos de vida influenciados pela mídia, os meios de comunicação tornam-se parte tanto da reprodução quanto da renovação das distinções culturais e sociais da população” (Hjarvard, 2014, p. 235). Couldry e Hepp (2020) reforçam esta abordagem, também partindo de reflexões de Bourdieu, ao enfatizar, ao mesmo tempo, o caráter institucional de cada campo social e a constituição mediada da realidade social proporcionada pela midiaticização.

Assim, os meios de comunicação não apenas contribuem para a reprodução do *habitus*, mas também para sua renovação, oferecendo recursos simbólicos para a construção de estilos de vida e orientações morais. A preocupação de Hjarvard, no entanto, não está centrada em avaliar se a “institucionalização” de biografias e estilos de vida pela mídia resulta em criatividade ou conformismo. Seu foco está em evidenciar a função integradora dos meios de comunicação, que atuam ativamente na certificação, disseminação e filtragem da informação. Concorre fortemente para isso a multiplicação das figuras de mediadores. Para Ortiz (2025), os mediadores simbólicos atuam como elementos de ligação entre uma instância legítima de consagração e os que se situam fora deste circuito privilegiado, o público. Neste sentido, para o autor, seriam atores coadjuvantes de um enredo que se realiza à sua revelia. Entretanto, constituem-se ainda assim em mais um recurso estrutural a ser considerado nas análises da cultura contemporânea.

Tomemos o caso específico dos *influenciadores digitais*, que se destacam por sua interatividade e o uso da referencialidade cruzada como características centrais desses ambientes digitais, que constroem redes de interação comunicativa e de circulação de informações especializadas. Tais práticas são seletivas em termos de público, atingindo segmentos específicos sintonizados com as temáticas abordadas. É nesse contexto que se justifica a concepção de “micro celebridades” – sujeitos que alcançam visibilidade dentro de nichos delimitados, ainda que sem atingir necessariamente uma escala de massa (Almeida, 2022; Ortiz, 2025). Apesar do alcance global potencial da internet, fatores como idioma, classe social e circuitos

interacionais específicos limitam o espectro de influência dessas figuras a uma esfera reduzida, ou microestrutural. Por outro lado, pode-se sugerir que a relevância sociológica dessas figuras reside precisamente na sua capacidade de atravessar microcosmos sociais e influenciar o espaço social mais amplo, por meio de novas formas de produção do *habitus* e da circulação de princípios de visão e divisão social que emergem fora dos campos tradicionais. Neste sentido, vale lembrar uma questão lançada por Ortiz que torna ainda mais complexa a questão: que práticas culturais seriam, de fato, distintas hoje?

Outro aspecto importante nessa discussão é o peso de fatores intervenientes que se constituem “fora” do âmbito propriamente cultural-artístico, mas que vêm ganhando cada vez mais peso nos processos de avaliação de obras e autores, sancionando simbolicamente as produções culturais. Um exemplo disso é a chamada “cultura do cancelamento”, que atinge tanto a indústria cultural como a esfera da “alta cultura” ou cultura legítima.

No livro *É possível dissociar a obra do autor?* (2022), a socióloga Gisèle Sapiro examina criticamente a ideia de separar a obra artística ou literária de seu autor, especialmente em contextos em que o autor é acusado ou comprovadamente envolvido em comportamentos eticamente problemáticos, como misoginia, racismo, ou violência sexual. A autora dialoga particularmente com a sociologia da cultura de Bourdieu para mostrar que obras não são entidades puramente autônomas: elas circulam em campos sociais com regras, lógicas e hierarquias específicas. A recepção de uma obra, portanto, está sempre inserida em contextos históricos e sociais. Sapiro propõe que o debate não deve se restringir a uma escolha binária entre “cancelar” ou “celebrar” autores polêmicos, mas considerar a responsabilidade que obras carregam na reprodução ou contestação de discursos dominantes. Ela defende o papel da crítica e da contextualização como formas de lidar com obras problemáticas. A autora não oferece uma resposta única, mas propõe uma abordagem crítica, que leve em conta o contexto de produção e recepção da obra, e que permita responsabilizar simbolicamente os autores sem cair em moralismos ou apagamentos simplistas.

Por outro lado, se fatores envolvendo gênero, etnia e classe social podem ser utilizados para a desqualificação de autores e obras, o contrário também é observável. Multiplicam-se nos editais culturais o peso positivo atribuído aos pertencimentos identitários ou as condições socioeconômicas desfavoráveis dos artistas proponentes, num processo majoritariamente identificado como de “inclusão social” dentro do campo artístico-cultural. Vale assinalar aqui o quanto isso implica em um processo de “tokenização”, com a inclusão, de forma simbólica ou pontual, de indivíduos e grupos em espaços culturais, institucionais ou midiáticos como representantes de uma identidade minoritária ou sub-representada, sem que isso necessariamente implique mudanças estruturais reais no campo. Aliás, é bastante comum a prática de usar a presença de uma pessoa, geralmente pertencente a um grupo historicamente

marginalizado (por exemplo, racializado, de gênero, de sexualidade ou classe subalternizada), como símbolo de diversidade ou inclusão, sem oferecer poder efetivo, visibilidade significativa ou transformação nas estruturas de dominação que regem o campo cultural.

Este dossiê não tem a pretensão de trazer respostas, ainda que provisórias, para este conjunto tão complexo de questões, mas busca contribuir, no conjunto de seus artigos, com reflexões correlacionadas a este horizonte temático, a partir de distintas abordagens empíricas e epistemológicas.

Os quatro artigos iniciais do dossiê compartilham uma preocupação com o papel da cultura na reprodução ou transformação das desigualdades sociais. Os três primeiros textos enfatizam como diferentes formas de capital cultural – seja digital, simbólico ou gastronômico – continuam a operar como mecanismos de distinção, ainda que adaptados a novos contextos, como a era digital, o consumo consciente ou o turismo globalizado. Já o quarto artigo, embora também trate de patrimônio cultural, desloca o foco da distinção para a inclusão, propondo o bem-estar cultural como um direito coletivo. Assim, enquanto os primeiros artigos reforçam a crítica bourdieusiana às formas sutis de exclusão simbólica, o último aponta caminhos para um uso mais democrático e comunitário da cultura.

Em “A construção do Capital Cultural dos neonativos digitais”, Elder Patrick Maia Alves e Debora Nunes de Souza Lima investigam como a geração Z, nascida em um contexto de intensa digitalização, constrói seu capital cultural. A pesquisa revela que, embora o capital cultural tradicional, transmitido pelas famílias e validado pela escola, tenha perdido parte de sua centralidade, fragmentos desse capital, incorporados desde a infância, continuam fundamentais para o desempenho escolar. Além disso, os jovens de famílias com maior renda e escolaridade dispõem de uma infraestrutura tecnológica doméstica que favorece o desenvolvimento de um capital digital-informacional. A combinação desses dois tipos de capital contribui para competências cognitivas valorizadas por exames como o ENEM, evidenciando desigualdades na apropriação dos recursos culturais e tecnológicos entre diferentes classes sociais.

Maria Celeste Mira e Beatriz Salgado Cardoso de Oliveira analisam, em “O despojamento elegante”, a atuação de marcas de *slow fashion* em São Paulo entre 2023 e 2024, investigando como a consciência ecológica e o discurso da sustentabilidade interferem nos padrões de consumo de moda. O artigo discute se esses novos valores tornariam obsoletos os conceitos bourdieusianos, especialmente o de distinção. No entanto, os dados mostram que, mesmo em espaços onde prevalecem ideais “politicamente corretos”, como o consumo ético e sustentável, os mecanismos de distinção social continuam operando – agora sob novas formas. A moda *slow*, apesar de seu apelo à consciência ambiental, reafirma o capital cultural e simbólico dos consumidores que sabem identificar e valorizar essas novas formas de consumo diferenciado.

Em “Patrimônio gastronômico, mobilidade turística e distinção”, Giulia Crippa e Marco Antonio de Almeida analisam como a gastronomia, especialmente em contextos turísticos, funciona como um instrumento de distinção social. A alimentação é apresentada não apenas como uma prática cotidiana, mas como uma expressão de identidade cultural e capital simbólico. O consumo de pratos tradicionais e vinhos finos se relaciona diretamente com o capital cultural, sendo um marcador de classe que se intensifica com a globalização e a midiaticização da experiência gastronômica. O turismo enogastronômico revela uma segmentação entre consumidores elitizados e turistas comuns, e aponta para práticas excludentes legitimadas por narrativas construídas em torno do patrimônio culinário. A crítica central recai sobre o uso da tradição como estratégia de distinção e exclusão.

No quarto artigo do dossiê, “Novas perspectivas do bem-estar cultural”, as sociólogas italianas Roberta Paltrinieri e Giulia Allegrini investigam, a partir de uma pesquisa realizada entre 2021 e 2022 na Itália, o papel das “comunidades de patrimônio” (grupos sociais envolvidos na preservação de bens culturais) como agentes de bem-estar cultural. O estudo considera essas comunidades como formas inovadoras de engajamento cívico e cuidado coletivo, que vinculam cultura e saúde. A proposta é reconhecer a cultura como fator de promoção do bem-estar, à luz das recomendações da OMS. O artigo ressalta o papel do terceiro setor na articulação de políticas culturais inclusivas e sustentáveis, com potencial para transformar o acesso à cultura em uma prática cotidiana de cuidado e pertencimento social.

As análises presentes nesses artigos dialogam fortemente com os conceitos fundamentais de Pierre Bourdieu, especialmente os de capital cultural, *habitus* e distinção. Nos três primeiros artigos, observa-se a persistência do capital cultural como ferramenta de diferenciação social, mesmo quando este se atualiza em formatos digitais, sustentáveis ou gastronômicos. A distinção, nesse sentido, é mantida por meio de práticas simbólicas legitimadas por determinados grupos sociais. O quarto artigo, por outro lado, propõe uma inflexão na abordagem tradicional bourdieusiana, ao sugerir que práticas culturais podem também funcionar como instrumentos de inclusão e cuidado coletivo. Ainda assim, mesmo essa perspectiva mais otimista deve considerar os limites estruturais apontados por Bourdieu quanto à reprodução das desigualdades nas instituições culturais.

Os quatro artigos seguintes convergem ao abordar como diferentes práticas culturais – música, tradições populares, arte feminista e relações com animais – operam como dispositivos de construção simbólica e distinção social. Os artigos sobre Madonna, Anitta e Pablo Vittar, assim como o artigo sobre o maracatu no exterior tratam da circulação e ressignificação de bens simbólicos em contextos globais, evidenciando como questões de legitimidade e identidade são negociadas em arenas transnacionais. Já o artigo sobre as artistas feministas e o artigo sobre os pets exóticos exploram formas de resistência e de distinção em contextos locais,

embora por caminhos distintos: um pelo enfrentamento das estruturas de exclusão de gênero no campo artístico, e o outro pela valorização simbólica de gostos estéticos e afetivos não convencionais. Em comum, todos apontam para as dinâmicas de visibilidade, reconhecimento e consagração dentro de campos simbólicos marcados por disputas de poder e capital.

Em “A representatividade nos arranjos sociotécnicos de legitimação do canto popular contemporâneo”, Edson Farias investiga os circuitos de visibilidade e legitimação simbólica no canto popular contemporâneo, com foco na performance de Madonna no show realizado em Copacabana em maio de 2024. A análise se concentra nas estratégias de representação adotadas por artistas como Madonna, Anitta e Pabllo Vittar, considerando suas trajetórias como construções simbólicas que articulam moralidades, identidades e capital cultural. O estudo propõe o conceito de “arranjos de visibilidade/legitimação” para compreender como esses encontros artísticos produzem formas móveis de legitimação e reconhecimento em contextos de circulação global de imagens, especialmente no campo da música pop e de pautas identitárias afirmativas.

Luciana Ferreira Moura Mendonça aborda, no artigo “Maracatu de baque virado no norte global: trânsitos, legitimações e subjetividades”, a internacionalização do maracatu de baque virado, um ritmo tradicional do Nordeste brasileiro, analisando sua presença em países europeus como Alemanha e Reino Unido. A partir de entrevistas e análise documental, o estudo mostra como o maracatu é ressignificado fora do Brasil, adquirindo novos sentidos e subjetividades em contextos transnacionais. A pesquisa destaca as redes de conexão entre grupos europeus e nações tradicionais do Recife, revelando que a circulação global dessas práticas culturais envolve processos de legitimação e negociação entre tradição, autenticidade e adaptação às dinâmicas culturais do Norte Global.

“Artes feministas para alegrar becos tristes: gênero, DIY e outras cenas artísticas no Sul Global”, de autoria de Paula Guerra, discute a produção artística de mulheres no Sul Global a partir de perspectivas feministas, decoloniais e interseccionais. O foco recai sobre práticas culturais do tipo “faça você mesma” (DIY – *do it yourself*), vistas não apenas como resistência, mas como modos afirmativos de existência artística frente a estruturas patriarcais e desigualdades simbólicas. Com base em entrevistas com trinta artistas brasileiras, o texto analisa como essas mulheres constroem formas de (re)existência cultural nas margens do sistema artístico tradicional, enfrentando e ressignificando violências simbólicas que atravessam sua vivência de gênero e território.

Jorge Leite Jr investiga o fenômeno dos animais de estimação “exóticos” ou “não convencionais” como marcadores de distinção social no artigo “Exóticos, distintos e amados: ‘pets não convencionais’ na cidade de São Paulo – Brasil”. Com base nos *Human-Animal Studies*, dados mercadológicos e pesquisa de campo

em pet shops especializadas, o estudo sugere que o diferencial não está apenas na posse do animal, mas na sensibilidade estética e afetiva envolvida em sua escolha. A preferência por pets como répteis, aves exóticas ou roedores raros reflete não só um consumo afetivo, mas também uma busca por diferenciação simbólica, onde o gosto singular reforça o capital cultural e simbólico de seus tutores.

Este segundo conjunto de quatro textos pode ser lido especialmente em relação aos conceitos de campo, capital simbólico e distinção. Em todos os casos, a legitimidade de práticas culturais está em disputa – seja no campo da música pop, da tradição popular, das artes visuais feministas ou mesmo das práticas de consumo afetivo com animais. Os agentes envolvidos nessas práticas se posicionam em campos específicos, buscando acumular diferentes formas de capital (cultural, simbólico, estético, afetivo) para alcançar reconhecimento. A distinção, nos termos bourdieusianos, aparece tanto em estratégias explícitas de diferenciação (como no caso dos pets exóticos), quanto em formas de resistência simbólica a uma ordem hegemônica (como no caso das artistas feministas do Sul Global). A circulação transnacional de práticas culturais também exemplifica a dinâmica entre *habitus* locais e reconfigurações globais, sem romper com os mecanismos de consagração e exclusão que estruturam os campos culturais

O artigo sobre Madonna, Anitta e Pablllo Vittar revela como a visibilidade midiática pode operar como instrumento de legitimação simbólica, ao mesmo tempo em que reconfigura o capital cultural em torno de pautas identitárias. O encontro entre artistas com trajetórias marcadas pela defesa de minorias reforça a articulação entre estética, política e consumo simbólico. De forma complementar, o estudo sobre o maracatu de baque virado no norte global evidencia a circulação internacional do capital cultural brasileiro, mostrando como práticas tradicionais são adaptadas e resignificadas em contextos estrangeiros. A relação entre autenticidade e apropriação aparece como um eixo de tensão constante, através da mediação entre a tradição e a performance.

Já o artigo sobre as artistas feministas brasileiras oferece um contraponto ao colocar a resistência como foco principal. A atuação dessas mulheres em subculturas artísticas não hegemônicas evidencia uma forma de acúmulo e reconversão de capital simbólico pautado na dissidência de gênero e no engajamento coletivo. Aqui, o capital não é apenas um instrumento de distinção, mas também de sobrevivência simbólica e subjetiva.

Por fim, o estudo sobre os pets não convencionais mostra como o consumo afetivo também é uma forma de expressão de gosto, ligado à sensibilidade e ao capital estético dos tutores. A escolha por animais incomuns revela uma forma de distinção simbólica mediada pela afeição, mas também por um capital cultural que reconhece o “exótico” como valor estético e social.

Assim, todos os artigos confirmam a atualidade da teoria de Bourdieu ao mostrar como o capital cultural, simbólico e estético continua a operar como vetor central nas dinâmicas de consagração e exclusão, ainda que em configurações contemporâneas atravessadas por novas lógicas de representação, afetividade e globalização cultural.

Fecha o dossiê a entrevista realizada por Livia de Tommasi com Eleilson Leite, que foi coordenador da ONG Ação Educativa, criador e responsável, durante muito tempo, pela Agenda Cultural da Periferia da cidade de São Paulo. A entrevista traz um balanço sobre o significado político, cultural e estético das “culturas de periferia”, suas condições de possibilidade e seus limites.

Agradecemos profundamente aos autores que contribuíram para este dossiê, e esperamos que ele traga férteis reflexões para seus leitores.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Marco Antonio. Booktubers, literatura e cibercultura: mediação e circulação da informação cultural. *Configurações*, Univ. do Minho, dossiê “Pierre Bourdieu: 20 anos depois, legado e usos de uma prática de investigação sociológica”, n. 29, p. 65-86, 2022.
- BENNETT, Tony; SAVAGE, Mike; SILVA, Elizabeth; WARDE, Alan; GAYO-CAL, Modesto; WRIGHT, David. *Culture, Class, Distinction*. Londres: Routledge, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. *La distinction*. Paris, Minuit, 1979.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- COULANGEON, Phillippe; DURVAL, Julien (orgs.) *The Routledge Companion to Bourdieu's Distinction*. Londres: Routledge, 2015.
- COULDRY, Nick; Hepp, Andreas. *A construção mediada da realidade*. São Leopoldo (RS): Ed. Unisinos, 2020.
- HJARVARD, Stig. *A Midiatização da Cultura e da Sociedade*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2014.
- MÉNDEZ, María Luisa; GAYO Modesto. *Upper middle class social reproduction: wealth, schooling, and residential choice in Chile*. Cham (Switzerland): Palgrave Macmillan, 2019.
- ORTIZ, Renato. *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- ORTIZ, Renato. Introdução: a porosidade das fronteiras nas Ciências Sociais. In: ORTIZ, R. (org.) *A sociologia de Pierre Bourdieu*. São Paulo: Olho D'Água, p. 7-29, 2013.
- ORTIZ, Renato. *Influência*. São Paulo: Alameda, 2025.

ROCHA, Maria Eduarda da Mota. Bourdieu e a Sociologia da Cultura no Brasil. In:

ROCHA, M. E. M. (org.) *Bourdieu à brasileira*. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2022.

SAPIRO, Gisèle. *É possível dissociar a obra do autor?* Belo Horizonte: Moinhos, 2022.